

ENTREVISTA
Eduardo Viveiros de Castro

A contribuição das matas à filosofia

Para antropólogo, conhecimento do pensamento indígena pode ajudar sociedade ocidental a repensar seus atos

Apontado por Claude Lévi-Strauss como o fundador de uma nova escola na antropologia e considerado hoje um dos maiores antropólogos do Brasil, Eduardo Viveiros de Castro defende a idéia de que os mitos indígenas têm elementos filosóficos frequente-

mente ignorados pelo Ocidente. "Suas implicações éticas e políticas devem ser levadas muito a sério. Não podemos trivializá-las simplesmente porque a linguagem em que elas se exprimem soa como bizarra ou exótica ao nossos ouvidos", afirmou.

Para o antropólogo, a sociedade moderna poderia se inspirar no pensamento indígena para repensar sua relação com a natureza. "Uma das melhores maneiras de fazer isso é olhando nossos atos de um ponto de vista externo, de uma tradição cultural diferente."

Roberta Jansen

O GLOBO: O senhor defende a existência de uma filosofia indígena?

EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO: Não acho que exista uma filosofia indígena, mas também não acho que não exista. Acho apenas que a antropologia pode contribuir com a tradição filosófica ocidental ao tentar tornar acessível essa tradição (indígena) com outros problemas, outras questões e outras formas de conceber o mundo e a condição humana.

• De que forma essa análise dos mitos poderia contribuir para a filosofia ocidental?

CASTRO: O que me interessa é repensar a relação entre antropologia e filosofia. Em particular, verificar até que ponto se pode fazer um uso filosófico de tradições intelectuais não ocidentais, notadamente de tradições dos povos nativos das Américas. Quando eu digo isso não estou dizendo que exista uma filosofia indígena ou algo do gênero. Estou querendo dizer que existem questões colocadas nas tradições intelectuais ameríndias que possuem um rendimento filosófico potencial grande e que, entretanto, não foram suficientemente aprofundadas.

• Por exemplo?

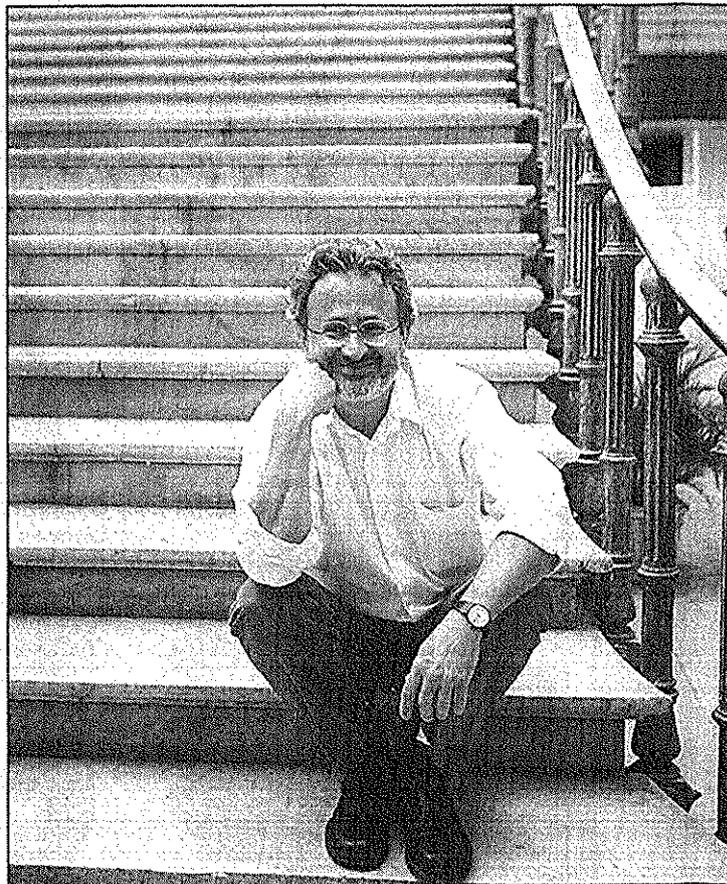
CASTRO: Minha impressão é que o pensamento indígena é

interessante porque precisamente coloca em questão a idéia — absolutamente central na tradição ocidental — de que a Humanidade é uma espécie privilegiada, que possui algo de fundamentalmente diferente das demais espécies. Nós imaginamos que o que temos em comum com o resto da criação é o fato de sermos todos animais. Os índios dizem exatamente o contrário: o que há em comum entre os homens e os demais animais é que somos todos humanos.

• Quais seriam as implicações disso?

CASTRO: Isso muda completamente os termos em que eles concebem o lugar da Humanidade na ordem das coisas. Nós achamos, por exemplo, que somos senhores da natureza e que ela tem que se dobrar a nós. Já os índios acham que tudo está ligado a tudo. Por isso, as questões filosóficas implícitas no pensamento indígena são completamente diferentes. Isso tem uma série de implicações éticas e políticas que devem ser levadas muito a sério. Não podemos trivializá-las simplesmente porque a linguagem em que se exprimem muitas vezes soa como bizarra ou exótica aos nossos ouvidos.

• E por que não podemos chamar esse tipo de linguagem de filosofia?



Marcelo Carnaval

CASTRO: 'Nossa irresponsabilidade metafísica pode ser nosso erro final'

CASTRO: Eu diria que existe uma problemática filosófica implícita no discurso mítico. Acho que a inquietação filosófica não é nem privilégio nem ônus de nenhum povo. Acho que existe na espécie humana uma faculdade especulativa que se encontra muito bem distribuída por todas as cultu-

ras e que a questão está em como fazer as traduções que tornem a comunicação entre essas tradições interessante.

• Podemos aplicar isso na prática?

CASTRO: A civilização ocidental está percebendo que uma quantidade de pressupostos

que a sustentaram por muito tempo estão levando a uma situação totalmente insustentável do ponto de vista da sobrevivência da espécie, notadamente no que diz respeito às condições ambientais. Uma das coisas que as sociedades ameríndias têm e que torna seu pensamento valioso é justamente uma outra maneira de conceber a relação entre a sociedade e a natureza, entre os humanos e os não-humanos, uma outra forma de conceber o pacto entre a Humanidade e o restante do cosmos. Pois acho que temos que repensar esse pacto e precisamos de todo o apoio que pudermos recolher, digamos assim. Tenho a impressão que uma das melhores maneiras de fazer isso é olhando nossos atos de um ponto de vista externo a eles, de uma tradição cultural diferente daquela que os gerou.

• Mas essa forma de agir dos índios não seria mais ditada pela situação em que estão vivendo do que propriamente por uma filosofia? Em algum ponto de nossa história também vivemos no meio da floresta e não poluímos...

CASTRO: Acho que as duas coisas vão juntas. Mas as mesmas situações não produzem necessariamente as mesmas idéias. É óbvio que a inexistência nas sociedades indígenas de boa parte dos problemas

ecológicos que enfrentamos se deve ao fato de que diversos elementos de nosso sistema civilizacional não estão lá: não existem superpopulação, poluição, indústria. Mas por que não existem? As sociedades indígenas funcionam com base em certos pressupostos que tornam extremamente difíceis certas coisas que na nossa sociedade são, ao contrário, tão fáceis ao ponto de serem vistas como necessárias. Mudar o modo de relação com a natureza pode ser muito complicado em culturas como as indígenas, onde a vida social e a dinâmica do mundo estão imbricadas. Na nossa cultura, ao contrário, em que achamos que podemos fazer o que quisermos com a realidade — achamos que podemos ter filhos de proveta, plantar transgênicos, entupir o planeta de lixo e que isso não vai mudar nada — terminamos responsáveis por (e vítimas de) uma quantidade de experiências catastróficas. Para os índios, que acham que tudo está interligado, tudo é muito delicado e perigoso. Digamos que nós nos caracterizamos por uma gigantesca irresponsabilidade metafísica que não encontra paralelo em nenhuma sociedade indígena. Ela nos deu grandes vantagens, mas pode também ter sido nosso erro fatal, e vir a ser nosso erro final. ■